

EU SÓ QUERO É SER FELIZ

Grupo Naem (Rio de Janeiro - RJ)

Por Henrique Vertchenko

O espetáculo *Eu só quero é ser feliz*, do Grupo Naem, do Rio de Janeiro, ofereceu diversos deslocamentos na recepção de quem o assistiu na 19ª edição do FETO BH. A peça - construída a partir das próprias experiências de vida do elenco formado por 15 jovens de comunidades do Rio de Janeiro, todos eles membros do projeto aprendiz de teatro – traz diversos quadros e personagens que se cruzam em diferentes fases da vida na comunidade fictícia de Vista Azul. Há, assim, a história de Fabrício, que sonha ser MC; de Jorginho, que sonha ser do exército; de Renan, que sonha ser jogador de futebol; da filha de criação do traficante que sonha ser atriz; em meio a muitas outras personagens. Da juventude exuberante no baile funk, eles vão, pouco a pouco, seguindo trajetórias trágicas e marcadas pela violência.

Fabrício, que deseja emplacar seu primeiro show, cai no golpe de uma falsa produtora de uma grande gravadora norte-americana, sacrificando as economias da avó. Jorginho, fisicamente habilidoso, tenta entrar para o exército, mas não é aceito pela mera suposição de que sua família tenha relação com o mundo do crime. Renan, excelente jogador, tem já um contrato com o Flamengo, quando é baleado na perna ao voltar para casa. Voltando-se para o público, antes de assinar o contrato, ele dizia que iria tirar a família dali e que as pessoas no ônibus não iriam mais esconder a carteira quando ele entrasse. Após levar o tiro, no corte para a cena seguinte ele já está com uma arma na mão.

Entretanto, este tema principal dos sonhos interrompidos não é entregue ao público logo no início, ele vai se construindo por meio da engenhosa articulação de diversos quadros que compõe um panorama da comunidade. Desse modo, o espetáculo começa com tom mais despretenso, leve e com um humor mais rasgado. Apesar de momentos carregados em estereótipos – como os gays no exército – há uma utilização de recursos próprios dos códigos teatrais, por meio dos quais o elenco se revela mais e mais habilidoso. Assim, são empregados cortes, mudanças de ritmo, falas conjuntas, triangulações, câmera lenta, ações coletivas, flash-back, monólogos, ações e reações à distância, bem utilizados graças ao estado de atenção da equipe. Do mesmo modo, as danças no baile funk, a paquera e os jogos de sedução são preenchidos por uma teatralidade própria do jogo que se estabelece.

Ao longo do panorama que se desenha por meio desses quadros articulados, aspectos característicos da vida nas comunidades vão se apresentando: as famílias geridas por mulheres, a avó que cria os netos, a mãe jovem com os mesmos comportamentos da filha, a relação entre exército e morro, o assassinato por traficantes, a disputa pelo comando, o assédio às mulheres. Vale dizer que a questão feminina merece destaque: se no começo o lugar das mulheres pode gerar certo incômodo, ao longo da peça esse lugar passa por transformações. Em determinada cena, traficantes assediam uma mulher quando ela voltava da associação de moradores, sendo ainda culpabilizada pelo namorado, Jorginho, que questiona sua roupa e o horário para andar em um beco. Diante da violência dessa relação, ela reage declarando sua autonomia (ao que parte do público compactuou estalando os dedos). No mesmo sentido, a filha de criação do traficante Dog assume o comando do morro, sob o nome de Madame, percorrendo uma trajetória da indagação “eu vou ter que matar?” a líder de diversos homens, exigindo que mulher na favela seja tratada com respeito. Também a cena da preparação para o concurso de beleza – parte do projeto mulher no poder, para exaltar a beleza

negra – põe em destaque a questão feminina. A idealizadora do concurso - membra da comunidade, mas que se apresenta de turbante, colares e vestido largo – entra em certo choque estético e discursivo com as outras mulheres, expondo as contradições entre a militante feminista, que deseja um concurso feminino em que não haja sexualização, e a realidade das outras mulheres da favela. Ainda assim, a importância da militante é atestada quando ela esclarece para a outra, que apanha, que ela precisa trabalhar e se emancipar.

Voltando ao início deste texto, dizer que o espetáculo *Eu só quero é ser feliz* proporciona deslocamentos na recepção do público, significa dizer que ele provoca e desperta, nos colocando diante dos nossos próprios preconceitos, acostumados que somos a uma realidade teatral burguesa hegemônica. Há um possível incômodo, em determinados momentos, com registros caricaturais, com o humor rasgado, com a objetificação dos corpos e, principalmente, com o grande número de armas (muito semelhantes a verdadeiras) na mão de jovens atores. Entretanto, esse incômodo é contrastado com a extrema consciência e propriedade daquilo que está sendo dito, em uma linguagem que transita entre o humor e o drama cru da violência, entre os códigos do teatro e o flerte com a TV e o cinema.

O canto do personagem Fabrício, com o funk clássico dos anos 90 que dá nome à peça, abre e fecha o espetáculo, sintetizando o desejo daquelas personagens, todas com seus sonhos interrompidos pelos ciclos da violência, já que ali “ninguém sonha porque ninguém dorme”. Ao final, um ator entra vestido de branco em meio à carnificina, dizendo que “Assim como os sonhos bons, muitas vidas terminam assim”. As personagens, então, relembram seus sonhos naquele cenário devastado. Denunciam a falácia da meritocracia e que Dog, o traficante, não morreu, mas vive e se multiplica alimentado pela política da violência. Mas, como diz a peça, “o sonho não morre, a favela vive”, e já que “a arte não conta mentiras”, o Grupo Naem nos lembra – o que é sempre importante – da força do teatro enquanto agente de transformação social. A jovem que interpreta Madame é, assim, não dona “duma merda de boca de fumo”, mas uma atriz.